

## **A EXPRESSÃO DO FUTURO DO PRESENTE, A TERCEIRA ONDA VARIACIONISTA, OS GÊNEROS DO DISCURSO E O MUNDO PÓS-COVID-19: ALGUMAS INCURSÕES**

THE EXPRESSION OF SIMPLE FUTURE TENSE, THE THIRD VARIATIONIST WAVE, DISCOURSE GENRES AND THE WORLD POST-COVID-19: SOME CONSIDERATIONS

Marcela Langa Lacerda | [Lattes | marcelalanga@yahoo.com.br](mailto:marcelalanga@yahoo.com.br)  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

**Resumo:** Este texto, em homenagem à professora Edair Maria Görski, objetiva resgatar algumas reflexões empreendidas por Bragança (2017) no que tange a implicações teórico-metodológicas decorrentes da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns trabalhos de *terceira onda variacionista*, fazendo emergir um novo ângulo investigativo para fenômenos variáveis, tais como a expressão do futuro do presente. Por meio de pesquisa bibliográfica, examinam-se (i) parte da literatura sobre esse fenômeno e (ii) parte da literatura da terceira onda variacionista, para ancorar uma breve análise de dois artigos jornalísticos que versam sobre o futuro pós-COVID-19. Os resultados dessa reflexão apontam, como consequências teórico-metodológicas da incorporação de novas perspectivas sobre a variação na terceira onda variacionista, dentre outros aspectos, para: (i) a visão de língua como prática social, sendo a prática discursiva a que recebe mais atenção; (ii) o foco na compreensão da paisagem social das práticas discursivas, por meio do exame da prática estilística; (iii) os gêneros do discurso como o quadro mais produtivo para o exame do estilo linguístico; (iv) o estilo linguístico como uma propriedade do gênero; (v) o linguístico e sua exterioridade como dimensões integradas; (vi) a imprescindibilidade de análise da dimensão social e verbal dos gêneros do discurso, para exame de formas em variação/mudança; (vii) a relação forma-função do fenômeno em tela sendo contraída no âmbito do estilo do gênero e estando a serviço de sua orientação ideológica. Sob esse novo ângulo, muito ainda há o que se investigar sobre a expressão do futuro do presente.

**Palavras-chave:** Terceira onda variacionista. Gêneros do Discurso. Estilo. Expressão do Futuro do Presente. O mundo pós-COVID-19.

**Abstract:** This text, written in honor Professor Edair Maria Görski, aims to rescue some reflections undertaken by Bragança (2017) regarding the theoretical and methodological implications arising from the centrality that the discourse genres gain in some works of the *third wave of variation*, giving rise to a new investigative angle for a variable phenomenon, such as the expression of the simple future tense. Through bibliographic research, we examine some literature (i) on this phenomenon and (ii) on the third wave of variation, to anchor a brief analysis of two journalistic articles dealing with the future post-COVID-19. The results of this reflection indicate, as theoretical and methodological consequences of the incorporation of new perspectives on the variation in the third wave of variation: (i) the perspective of the language as a social practice, with discourse practice receiving the most attention; (ii) the focus on understanding the social landscape of the discursive practices, by examining stylistic practice; (iii) the genres of discourse genres as the most productive framework for examining linguistic style; (iv) the linguistic style as a property of genres; (v) the linguistic and its exteriority as integrated dimensions; (vi) the indispensability of analyzing the social and verbal dimension of the discourse genres, so as to examine forms in variation/change; and (vii) the form-function relationship of the phenomenon on screen being contracted within the scope of the genre style serving its ideological orientation. Under this new angle, much remains to be investigated about the expression of the simple future tense.

**Keywords:** Third wave of variation. Discourse genres. Style. Expression of the simple future tense. The post-COVID-19 world.

### **Introdução**

Em recente tese de doutorado, submeti à comunidade acadêmica *uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de fenômenos em variação/mudança*, orientando-me por reflexões a partir da expressão do futuro do presente (BRAGANÇA, 2017). Para a elaboração dessa proposta, contei com a incansável e precisa orientação da professora Edair Maria Görski, que tem sido, até hoje, minha parceira mais direta na atualização das ideias desenvolvidas naquela época.

Este texto, em homenagem à Eda e que resgata e amplifica algumas reflexões empreendidas na referida tese, objetiva refletir sobre algumas implicações teórico-metodológicas decorrentes da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns textos

de *terceira onda variacionista*<sup>1</sup>, fazendo emergir novos ângulos investigativos para fenômenos variáveis fartamente analisados no português do Brasil (doravante PB), como é o caso da expressão do futuro do presente. Nossa diretriz, nesse contexto de reflexão, é a de que a relação forma/função parece se especificar no âmbito do estilo dos gêneros do discurso, estando essa relação a serviço da produção de sentido, da projeção de um ponto de vista que se assume discursivamente.

Para dar conta dessas reflexões, este texto se organiza do seguinte modo: (i) na primeira seção, circunscrevo a expressão do futuro do presente, caracterizando-a e indicando o viés teórico a partir do qual ela tem sido investigada no cenário brasileiro; (ii) na segunda seção, considero parte da literatura de terceira onda variacionista, a fim de resgatar alguns de seus princípios gerais e de identificar como os gêneros do discurso, considerando a perspectiva bakhtiniana, entram em direto diálogo com interesses dessa fase variacionista; (iii) na terceira seção, por fim, (a) destaco algumas implicações teórico-metodológicas que resultam da incorporação de novas preocupações e perspectivas sobre a variação, em sua terceira fase, a ponto de fazê-la dialogar diretamente com a perspectiva dialógica da linguagem, e (b) ofereço uma breve análise sobre dois artigos jornalísticos que versam sobre o futuro pós-COVID-19, a fim de apurar como a relação forma/função do fenômeno em tela é agenciada no âmbito do estilo do gênero, considerando sua orientação ideológica.

### **1 A expressão do futuro do presente e o ângulo de investigação em estudos brasileiros**

A expressão do futuro do presente (doravante FP) é um fenômeno variável fartamente investigado em muitas línguas mundo afora e também no PB. Os estudos, em geral, realçam a complexidade do fenômeno, derivada, por exemplo, da nomeação que ele recebe, uma vez que FP caracteriza, concomitantemente, (i) *forma verbal*, indiciando a noção de categoria gramaticalmente codificada para expressar tempo, e (ii) *função de referência temporal*, também relacionada a valores aspectuais e modais interconectados. Nesse último caso, o FP pode ser visto como um domínio funcional<sup>2</sup>, que recobre as funções de Tempo, Aspecto e Modalidade, ao que se denomina domínio funcional TAM (GIVÓN, 2001).

---

<sup>1</sup> A Sociolinguística Variacionista é, atualmente, um campo teórico subdividido em *três diferentes fases* (ECKERT, 2005; 2008; 2012; 2018). Embora essas fases não sejam categoricamente lineares, nem se substituam, “cada uma representa uma maneira de pensar sobre a variação e uma prática metodológica e analítica” (ECKERT, 2005, p. 1). Para mais informações sobre essas três diferentes fases, ver Eckert (2018).

<sup>2</sup> O conceito de domínio funcional filia-se a uma perceptiva funcionalista de gramática, e emerge no contexto de estudos tipológicos, realizados por Greenberg, na década de 1960, a partir dos quais se verificou que, em diversas línguas, por meio de diferentes recursos gramaticais, codificam-se as mesmas funções, compreendidas, pois, como tendências gerais de uso da língua (FLEISCHMAN, 1982).

Além disso, a expressão do FP é complexa também devido à própria complexidade da categoria gramatical de tempo, que se alicerça – com base na distinção entre *tempo cronológico*, *tempo psicológico* e *tempo gramatical* propriamente dito (COMRIE, 1985) – em três diferentes elementos: *o momento de fala* (o intervalo de tempo de cada oração no ato da comunicação), *o momento de ocorrência das situações<sup>3</sup> referidas* (o intervalo de tempo que se atribui ao referente de um verbo) e *o momento de referência* (o intervalo de tempo da contemplação do ato verbal pelo falante que transmite essa perspectiva ao ouvinte) (REICHENBACH, 1947).

Em vista disso, resultam quatro premissas ou aspectos a serem considerados no tratamento desse fenômeno, conforme a seguir.

Em primeiro lugar, o ponto central para a representação temporal é o aqui/agora do sujeito ou o momento de fala, de modo que passado, presente e futuro são tempos naturais porque relacionam, de modo linear, o tempo (das situações) em relação ao momento de fala (MATEUS et al. 1989) Assim, tempo gramatical é (a) categoria relacional ou dêitica, já que relaciona o momento da situação reportada ao momento de fala (FLEISCHMAN, 1982; COMRIE, 1985); (b) propriedade da sentença, já que morfemas verbais temporais representam uma categoria formal da gramática (FLEISCHMAN, 1990); e (c) propriedade da pragmática, por se ancorar em unidades externas à língua, tais como o momento de fala e o sujeito (GIVÓN, 2001).<sup>4</sup>

Em segundo lugar, há tempos, contudo, em que o momento de referência para a localização temporal de uma situação não é momento de fala, mas outras situações projetadas contextualmente (/textualmente), sendo, por isso, considerados tempos anafóricos (COMRIE, 1985).<sup>5</sup>

Em terceiro lugar, há ainda tempos que combinam esses dois tipos de referência temporal: o momento de fala e o momento de referência, evocando uma perspectiva dêitico-anafórica.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Acionamos o termo *situação* para fazer referência a eventos, estados, processos etc., a fim de não ser necessário especificar o conteúdo codificado pelo verbo.

<sup>4</sup> Em um uso como “A nossa família *vai crescer*, estou grávida”, tem-se uma situação cujo ponto de referência é o momento de fala. Esse e outros exemplos apresentados em nota de rodapé são extraídos de Bragança (2017).

<sup>5</sup> No PB, as formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo e particípio) constituem casos típicos de tempos anafóricos, uma vez que, nesses casos, o tempo é dado, geralmente, pelo tempo do verbo da oração principal.

<sup>6</sup> Em um uso como “O governo já avisou que *vai apelar* contra a suspensão e a decisão *terá* de ser tomada no plenário da corte”, tem-se duas situações, em que uma é posterior a outra, ou seja, trata-se de uma sequência de situações ancoradas no momento de fala (dêiticas), embora, para a segunda situação (terá) a ancoragem nesse momento seja indireta, pois também se ancora na situação anterior, sendo, pois, uma referência dêitico-anafórica.

Em quarto lugar, alguns tempos podem indicar duração ou repetição, de modo que uma situação se efetiva num momento, mas não se encerra ao final dele – com isso, nos termos de Reichenbach (1947), formula-se a noção de *presente estendido* para tratar de situações que, embora localizadas no momento de fala, não se limitam a ele, porque podem se associar a uma fração de tempo que veio antes (o passado) ou a uma fração de tempo posterior (o futuro) (CORÔA, 2005); nos termos de Givón (2001), formula-se a noção de mais um tempo (além de presente, passado e futuro), o tempo habitual, com destaque para a função aspectual que se associa à expressão de determinados tempos.

Fleischman (1982) destaca, nesse contexto de discussão, o conceito de *relevância do presente*, segundo o qual, independentemente do tempo cronológico (pode estar distante ou não do momento de fala), o falante estabelece (psicologicamente) uma conexão entre presente e futuro, devido ao fato de a situação futura ser avaliada (pelo falante) como estando relacionada ao estado de coisas do presente. Nesse sentido, o futuro passa a ser visto em termos daquilo que agora constitui o futuro (CORÔA, 2005), representando projeções de estados mentais e emocionais dos sujeitos (FLEISCHMAN, 1982).

Note-se que esse último aspecto convoca fortemente a presença da modalidade na expressão do futuro<sup>7</sup>, e a maneira como o falante avalia as situações futuras em relação ao presente (conectando-as a ele ou apartando-as dele) pode, então, motivar variações quanto à representação da expressão.

Dessas considerações, pode-se explicitar o que estamos considerando, neste texto, *futuro do presente*: situações que se projetam para além do momento de fala e que tomam esse momento (quer direta, quer indiretamente) como ponto de referência. Por essa definição, todas as formas em variação no âmbito desse domínio funcional<sup>8</sup> expressam, pois, essa função, estando ainda a ela associadas, variavelmente, as noções de aspecto e de modalidade.

Além disso, pode-se concluir que o FP é dêitico-anafórico, de escopo sintático e também pragmático-discursivo. Mais especificamente, pode-se concluir que a expressão do FP está fortemente associada à avaliação ideológica<sup>9</sup> que os falantes fazem do estado de coisas que conhecem no presente, conectando-se, então, menos aos acontecimentos

---

<sup>7</sup> Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), o futuro é menos uma categoria temporal e mais uma categoria de modalidade com importantes implicações temporais.

<sup>8</sup> Dentre as principais formas que concorrem para a expressão do FP, no PB, destacam-se: (i) a forma canônica ou futuro sintético/futuro simples/futuro do presente (lutarei); (ii) o futuro perifrástico com ir no presente/ ir (presente) + infinitivo (vou lutar); (iii) o futuro simples perifrástico/perifrástico com ir no futuro/ ir (futuro) + infinitivo (irei lutar); (iv) o presente do indicativo/presente futuro/presente (luto); (v) a perífrase com haver de (hei de lutar).

<sup>9</sup> Acionamos o termo *ideologia* com a acepção de *representação valorada da realidade*.

no mundo propriamente dito, e mais ao modo como representam a potencialidade dos acontecimentos. Com isso, infere-se que a expressão do FP aponta para o mundo construído discursivamente, e não para o mundo real.

Circunscrito o fenômeno, destaca-se que seu escopo investigativo tem se orientado pela compreensão de que se trata de um fenômeno que recruta tanto uma perspectiva variacionista quanto uma funcionalista ou, de modo mais produtivo, uma interface entre essas duas perspectivas, com vistas à compreensão da (certa) instabilidade da relação entre formas e funções que se estabelece na expressão do futuro do presente, já que mudança e variação são movimentos constantes na expressão desse fenômeno.

No PB, por exemplo, estudos sobre esse fenômeno organizam-se justamente em torno dessas abordagens teóricas, a depender do foco do pesquisador.

Do lado variacionista, a base teórico-metodológica acionada mais significativamente tem sido a *primeira fase* variacionista, de orientação laboviana (LABOV, 1978; 1982; 1994; 2001a; 2001b; 2003; 2008 [1972]; 2010; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; dentre outros).

Do lado funcionalista, a base teórico-metodológica tem sido a vertente norte-americana (BYBEE, 2003; 2010; GIVÓN, 2001; 2002; 2005; HEINE, 2002; HOPPER, 1991; 1998; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003; TRAUOGOTT, 2010; 2012; 2014; TRAUOGOTT; DASHER, 2005, dentre outros).

De modo explícito ou não, há ainda pesquisas que conjugam essas duas abordagens, praticando o que tem sido denominado *sociofuncionalismo* (TAVARES, 2003; GÖRSKI et al., 2003; POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2012; VALLE, 2014; TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017, dentre outros).

Sob a ótica, contudo, de uma perspectiva pragmático-discursiva, entendendo o termo “discursivo”, aqui, como correlacionado a aspectos ideológicos – tendo em vista que o fenômeno, em sua complexidade, também evoca questões dessa natureza – quase não se encontram trabalhos.

Mesmo assim, a análise de um conjunto de 16 teses e dissertações (BALEEIRO, 1988; SANTOS 1997; SILVA, 1997; SANTOS, 2000; GIBBON, 2000; NUNES, 2003; OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008; MALVAR; POPLACK; 2008; FONSECA, 2010; SILVA, 2010; STRONGENSKI, 2010; TESCH, 2011; GIBBON, 2014; VIEIRA, 2014) revela que os gêneros (textuais ou discursivos), justamente uma categoria analítica de natureza pragmático-discursiva, são relevantes para a explicação desse fenômeno.

A despeito disso, nem sempre os gêneros recebem, nesses estudos, tratamento teó-

rico-metodológico aprofundado, o que faz com os pesquisadores os compreendam de diferentes modos:

[...] ora tomando os gêneros como *variável independente* (TESCH, 2011; VIEIRA, 2014; TAVARES, 2020); ora como *elemento organizador de amostras* (OLIVEIRA, 2006; BRAGANÇA, 2008); ora como *instância* para estudo da variação (LOBATO, 2009); ora reduzindo-os à tipologia textual (SILVA, 1997; FONSECA, 2010); ora tomando-os, genericamente, como indicativos de modalidade (gêneros orais e gêneros escritos) (MALVAR; POPLACK, 2008; STROGENSKI, 2010); ora acionando-os para discussões teórico-metodológicas (SEVERO, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014; FREITAG, 2014, TAVARES, 2014; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE; 2014; BIAZOLLI, 2016; BRAGANÇA, 2017) (LANGA-LACERDA; GÖRSKI, no prelo; grifos dos autores).

Assim, se resultados de pesquisas apontam para os gêneros como relevantes para a variação na expressão do FP (e para a expressão de outros fenômenos variáveis também) e se há questões teórico-metodológicas a serem consideradas quando se trabalha com essa categoria, há que se admitir (i) que a incorporação de uma perspectiva de gênero no âmbito dos estudos sobre fenômenos em variação/mudança e (ii) que compreensões partilhadas, entre os pesquisadores do campo, sobre o lugar teórico-metodológico que os gêneros devem ocupar, no estudo de fenômenos variáveis, podem contribuir, não apenas para um entendimento mais acurado da expressão do FP e fenômenos similares, mas também para o desenvolvimento do próprio campo variacionista.

Examinando a literatura variacionista e funcionalista, em suas tendências atuais, com intuito de identificar a abordagem de gênero que pudesse ser mais produtiva para o estudo de fenômenos em variação/mudança e considerando, neste texto, apenas os resultados dessa investigação no âmbito da literatura variacionista, identificou-se, implícita e explicitamente, em parte da literatura da terceira onda, a incorporação dos gêneros do discurso, considerando a perceptiva bakhtiniana, para o exame de fenômenos em variação/mudança – o que se considera, neste texto, um achado teórico-metodológico, tendo em vista que o diálogo entre essas abordagens parece reposicionar a relação forma/função para o âmbito das práticas sociais, sendo a prática discursiva a mais profícua para o exame de fenômenos variáveis.

Como se caracteriza a terceira onda variacionista e como ela convoca os gêneros do discurso, segundo a perspectiva bakhtiniana, para o exame de fenômenos em variação/mudança, é o que se apresenta a seguir.

## **2 A noção de gêneros do discurso na literatura variacionista: um achado teórico-metodológico**

Nesta seção, retomam-se alguns princípios de abordagens de terceira onda variacionista<sup>10</sup>, a fim de apresentar como a incorporação de novas preocupações e de novas perspectivas sobre a variação, nessa fase, culminam por convocar, segundo uma certa ótica, uma perspectiva discursiva de linguagem, via pela qual os gêneros do discurso, considerando o ângulo bakhtiniano, tendem a ganhar centralidade teórico-metodológica na investigação de fenômenos variáveis. O resgate aqui é, portanto, de ponderações feitas no âmbito do próprio campo variacionista, não sendo de interesse deste texto acionar o campo bakhtiniano para mais explicações.

Na recente obra intitulada *Novos Caminhos da Linguística*, Mendes (2017) põe em evidência “A terceira onda da sociolinguística”, expressão que, cunhada por Eckert (2005), enfatiza três diferentes orientações epistemológicas no âmbito dos estudos variacionista. Importante dizer que, embora elas não estejam rigorosamente ordenadas historicamente e nenhuma substitua a outra, essas três diferentes fases da abordagem representam distintos modos de pensar a variação, considerando que “[n]o movimento da primeira para a terceira onda de estudos de variação, toda visão da relação entre linguagem e sociedade foi modificada [...] com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística em geral” (ECKERT, 2012, p. 97-98)<sup>11</sup>.

Mesmo sendo constituída por um heterogêneo grupo de pesquisadores, voltados a diferentes interesses, os estudos de terceira onda (doravante, ETO) parecem compartilhar um conjunto de pressupostos, dentre os quais podemos citar pelo menos quatro que, embora não exclusivos dessa fase, são ressignificados e rearticulados nela, a partir de um enfoque linguístico-antropológico (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016): *estilo*, *ideologia*, *persona* (/identidade) e *discurso*, conforme se apresenta a seguir.

Em primeiro lugar, os ETO têm como um de seus principais axiomas o reconhecimento de que o meio pelo qual os sujeitos se projetam no cenário social é a prática estilística, uma prática que inclui posturas, vestuário, certas atividades de lazer, interesse por certos bens, por certos discursos e também, entre outras coisas, certos usos da língua. Assim, estilo, de modo geral, é visto como um fenômeno distintivo, porque um se constitui em relação a outros, e só ganha relevo dentro de um quadro social em que diferentes estilos estão em relação.

Em segundo lugar, essa fase variacionista admite que as relações entre diferentes estilos são ideologicamente mediadas; mais que isso, admite que a ideologia é o centro da



prática estilística<sup>12</sup> (ECKERT, 2008), sendo essa última, pois, o resultado de uma interpretação do mundo social, de um posicionamento do sujeito (o estilizador) em relação a esse mundo (ECKERT, 2008) pelo seguinte motivo: incorporada à compreensão dos sujeitos quanto ao mundo social está a avaliação que eles fazem dele; e, como a compreensão (avaliada) do mundo é sempre feita a partir de um determinado ponto, ou seja, é sempre localizada, não pode ser universal nem previsível, mas deve ser vista como culturalmente variável. Daí os ETO assumirem uma visão estética de estilo, uma vez que sistemas estéticos se caracterizam justamente por serem culturalmente variáveis e motivados por princípios localmente relevantes, geradores de certas consistências (IRVINE, 2001). Essas considerações culminam numa visão de língua como *prática social*<sup>13</sup> (ECKERT, 2008), como prática estilística, constituída localmente. Nessa fase, então, variação linguística é assumida como variação (sempre) estilística (TAGLIAMONTE, 2012).

Correlacionando estilo e ideologia, para Eckert (2008), em síntese, como estilos evocam, na verdade, modos localizados de ser, o ponto de partida para o agenciamento de formas linguísticas que coocorrem em uma prática estilística passa a ser visto como sendo o conteúdo ideológico que orienta os sujeitos (naquela prática). Pela forte presença do aspecto ideológico na epistemologia dos ETO, Coupland (2007), por exemplo, observa que a “sociolinguística está cada vez mais bem posicionada para se envolver com debates ideológicos da teoria social” (COUPLAND, 2007, p. 86).<sup>14</sup>

Por esse motivo, em terceiro lugar, variação linguística – e todo uso linguístico – é visto como reflexo de identidades, de *personas*, de posturas que os sujeitos assumem em cada prática social (ECKERT, 2012), o que culmina por convocar, para a fase, (i) uma concepção agentiva de sujeito, uma vez que se presume que, no espaço social, os falantes precisam negociar suas posições dentro de um sistema de possibilidades: “um agente estilístico se apropria de recursos de um cenário sociolinguístico amplo e recombina-os para criar um estilo distintivo”<sup>15</sup> (ECKERT, 2018, p. 118); e (ii) uma concepção dinâmica de identidade, porque essa passa a ser vista como um constante processo de construção, configurada em práticas sociais específicas, de modo a haver muitas facetas para uma mesma identidade.<sup>16</sup>

<sup>12</sup> Para Ervin-Tripp (2001), as ideologias organizam o cenário sociolinguístico porque afetam a própria probabilidade de contato ou de motivação para falar com o outro.

<sup>13</sup> Por isso, neste texto, tomamos o termo *prática social* como alternativo ao termo *prática discursiva*.

<sup>14</sup> “[...] sociolinguistics is increasingly well positioned to engage with ideological debates in social theory”.

<sup>15</sup> “a stylistic agent appropriates resources from a broad sociolinguistic landscape, recombining them to make a distinctive style”.

<sup>16</sup> Cf. Schilling (2013) o estudo de Barrett (1995) com *drag queens*, que conclui que há muitos modos de se ser *drag queen*.

Eckert (2008), por exemplo, afirma que a melhor maneira de se investigar os significados sociais das variáveis é por meio da *persona estilística*, uma identidade que o indivíduo (re)constrói e projeta, em termos de “senso de lugar no mundo social” (ECKERT, 2005, p. 17)<sup>17</sup> e em decorrência da dinâmica de interesses sociais.

Isso não significa, contudo, perder de vista que estilo linguístico, ao mesmo tempo em que é um processo criativo (porque fundado na agentividade do sujeito, não sendo, portanto, determinado por estruturas pré-definidas) é também histórico-cultural, uma vez que os princípios (ideológicos) que o regem fazem com que as distinções estilísticas sejam coerentes e identificáveis por grupos sociais – justamente por serem assim é que podem integrar a compreensão social dos falantes. Para Coupland (2007, p. 52), “a despeito do poder construtivo da prática, estrutura social e significados socialmente estruturados para variação linguística não desapareceram.”<sup>18</sup>

A própria prática estilística, resumidamente, é vista como um processo em constante (re)configuração e que indicia muitos aspectos concomitantemente (cf. ZHANG, 2005). Por conjugar aspectos pragmáticos e histórico-culturais é que se compreende, neste texto, que os ETO assumem um ângulo pragmático-discursivo, para o exame de fenômenos variáveis. Os recursos linguísticos de uma prática estilística, nesse contexto, passam a ser vistos, então, como índices de personas (lidas também como posturas ideológicas), podendo ser, no âmbito de práticas específicas, (re)combinadas e (re)interpretadas.

Com foco na dimensão ideológica da linguagem, iniciada em *personas* estilísticas, portanto, em quarto lugar, o *locus* de análise, em alguns ETO, desloca-se para a prática discursiva (BAUMAN, 2001; COUPLAND, 2001; 2007), a fim de se observar as estratégias de representação dos falantes em relação a um lugar (social) no mundo. Considerando que o impacto das características linguísticas depende, então, do quadro discursivo sob o qual elas se encontram, porque esse último é que orientaria o trabalho (agentivo) dos sujeitos de estilização e que conferiria relevância aos usos linguísticos, Coupland (2007) destaca o enquadramento de gêneros<sup>19</sup> como o enquadramento discursivo por meio do qual identidades socioculturais (/historicizadas) podem ser reforçadas ou refutadas, uma vez que os gêneros evocam contextos sociais específicos.

Por todas essas premissas, Coupland (2007) conclui que a abordagem variacionista deve se engajar em um quadro teórico discursivo, a fim de explicar a qualidade da interação social, uma vez que essa é que explicaria o agenciamento de recursos linguísticos. E, dentre tantos quadros teóricos dessa natureza, Bakhtin é considerado o arauto da

sociolinguística moderna (BELL, 2001), o arauto, talvez, da terceira onda variacionista. Grande parte dessa literatura, com foco na variação estilística (ZHANG, 2005; 2008; COUPLAND, 2001; 2007; IRVINE, 2001; BAUMAN, 2001, dentre outros), dialoga, pois, quer implícita quer explicitamente, com concepções da abordagem bakhtiniana<sup>20</sup>.

A título de exemplificação, na obra *Style and Sociolinguistic Variation*, organizada por Eckert e Rickford (2001), Bauman (2001) investiga a relação entre formas, funções e variação a partir do exame de gêneros típicos de um mercado público mexicano, e preconiza que:

- i) os gêneros do discurso são o quadro para a compreensão da prática estilística, uma vez que eles funcionam como ordenadores do estilo, na medida em que constituem uma constelação de características coocorrentes, sistematicamente relacionadas e que contrastam com outras constelações; assim, os gêneros funcionam como uma estrutura orientadora para a produção e percepção de discursos: um gênero é um estilo de discurso, e o estilo linguístico é do gênero;
- ii) os gêneros não fornecem, contudo, meios para produção e recepção de discursos de modo acabado, porque fatores diversos<sup>21</sup> sempre estão implicados na prática discursiva e são variavelmente mobilizados, o que faz com que elementos emergentes sempre participem do processo discursivo, abrindo caminho para a possibilidade de reconfiguração do gênero (e de seu estilo); assim, tal como os gêneros, o estilo de gênero também deve ser visto como flexível e plástico, estando nisso evocado o princípio de que são (os gêneros e os estilos de gêneros) fenômenos evênticos/singulares – muito embora alguns aspectos dos gêneros sejam mais salientes e, por isso, sejam recorrentemente mobilizados, o que maximiza a inteligibilidade dos discursos (ou minimiza a lacuna entre o convencional e emergente nos gêneros), resultando em determinadas rotinas ou associações entre atividade social e prática linguística – estando nisso evocado o princípio de que os gêneros e os estilos de gêneros são também fenômenos regulares;
- iii) o exame da prática comunicativa – e da variação linguística – por meio dos gêneros faculta a observação de elementos indexicais diversos, uma vez que os gêneros indiciam outros textos, situações, tipos (sociais) de falantes, função comunicativa etc., sempre implicados, de modo, mais ou menos, proeminente. Por esse último aspecto, inclusive, a terceira fase variacionista tem convocado análises multidimensionais (RICKFORD, 2001; TAGLIAMONTE, 2012), com foco especialmente em análises qualitativas.

<sup>20</sup> Para uma visão mais acurada de pontos de contato entre os ETO e os estudos bakhtinianos (cf. BRAGANÇA, 2017).

<sup>21</sup> Dentre eles, nos termos da abordagem bakhtiniana: conjuntura socioeconômica, as esferas sociais e suas condições típicas de enunciação, o aspecto temático típico e o auditório de cada gênero, outros enunciados com os quais se está em relação dialógica, o aspecto expressivo de cada gênero, a organização estilístico-composicional, a relação entre os participantes da interação, a modalidade de língua ou mídia envolvida, o tempo e lugar histórico da interação etc.

Como esses redirecionamentos teórico-metodológicos, no âmbito dos ETO, impactam o estudo de fenômenos variáveis, em geral, e podem lançar luz sobre novos aspectos do funcionamento da expressão do FP e de fenômenos similares é o que se apresenta a seguir.

### **3 O achado teórico-metodológico e o fenômeno em tela**

Nesta seção, sinalizam-se para algumas implicações teórico-metodológicas que resultam da incorporação de novas preocupações e de novas perspectivas sobre a variação, no âmbito dos ETO, a ponto de conduzir o campo a um diálogo com os escritos bakhtinianos. A seguir, apresentam-se, nesta ordem: (i) implicações teóricas, (ii) implicações metodológicas e (iii) uma breve análise sobre a expressão do FP, a fim de ilustrar as reflexões anteriores.

Em termos teóricos, pode-se identificar, como decorrentes do redimensionamento conceitual pelo qual a Sociolinguística Variacionista passa, uma série de consequências para a compreensão da própria natureza da linguagem (ECKERT, 2016), tomada agora como um fenômeno estilístico, distintivo e que tem como elemento regente, considerando sua produção e recepção, o aspecto ideológico, constitutivo da própria orientação para (/compreensão da) realidade.

Dentre essas consequências, em primeiro lugar, tem-se uma nova concepção de linguagem<sup>22</sup>, tomada como um fenômeno culturalmente localizado ou, em outros termos, em uma prática social, uma prática estilística de representação da realidade, sob uma determinada ótica.

Com isso, em segundo lugar, o foco de alguns ETO passa a ser a compreensão da paisagem social, por meio da prática linguística/estilística, sendo a variação um dos elementos (um elemento fundamental) que integra um conjunto de recursos coocorrentes para/na projeção de uma identidade, de uma *persona*, em uma determinada prática da paisagem social.

Em terceiro lugar, o quadro produtivo para exame do estilo linguístico passa a ser, em alguns ETO, o quadro discursivo (/ideológico), corporificado no enquadramento de gêneros, sendo esses uma unidade ao mesmo tempo (i) sensível a todos os aspectos da interação social, considerando sua dimensão verbal e social – por isso, uma unidade evêntica e pragmaticamente constituída –, e (ii) relativamente regular, histórico-culturalmente dada aos sujeitos, servindo de baliza para o dizer social – por isso, uma unidade histórico-cultural. Assim, os gêneros do discurso passam a ser vistos, considerando seus aspectos constitutivos e sua face em parte emergente e em parte regular, o ordenador do estilo.

Em quarto lugar, o estilo linguístico, sendo uma propriedade dos gêneros do discurso, é visto, tal como esses últimos, como também flexível, em constante processo de (re)configuração: (i) em parte, criativo, emergente e evêntico, tanto porque é sensível aos aspectos (singulares) de cada interação, quanto porque a cada prática os sujeitos podem (re)configurá-lo de uma dada maneira, a depender do posicionamento ideológico que assumem e da(s) persona(s) que querem projetar; e (ii) em parte, histórico-cultural, relativamente regularizado, uma vez que, para ser identificável, o estilo (social e linguístico) precisa integrar a compreensão social dos falantes.

Note-se que essa compreensão afasta a noção de que a função basta para explicar a forma (IRVINE, 2001), o que estende a relação forma/função para um quadro social mais amplo. Talvez por isso, considerando especificamente a questão da relação entre formas e funções, pesquisadores funcionalistas já chamem a atenção para o fato de que o estudo do estilo não pode desconsiderar a multifuncionalidade dos recursos linguísticos, uma vez que, ao assumirem diferentes funções, em decorrência de motivações pragmáticas e interacionais, e a fim de garantir efeitos de sentido que vão sempre além de sentidos anteriores, eles (os recursos linguísticos) não são sempre os mesmos (TRAUGOTT, 2001). Diferentes funções de uma mesma forma podem, então, ser vistas também como uma questão estilística.

Com isso, pode-se dizer que a relação entre forma e função, no escopo de alguns ETO, engendra-se no âmbito das práticas sociais que, em relação com outras práticas, demanda tomada de posição dos sujeitos, interpelada pela própria compreensão (avaliada) que eles fazem do mundo e de si. O estilo, assim, sendo, antes, uma forma (discursiva) de estar no mundo, em contraste com outras formas, conquistada no âmbito de cada contexto de interação, é expressão de identidade, essa última reconhecida como sendo construída, concomitantemente, pela/na paisagem social e pelo sujeito – e suas convicções.<sup>23</sup>

Em quinto lugar, por fim, o linguístico e sua exterioridade não são mais vistos como dimensões separadas que se conectam em alguma medida, uma vez que a dimensão social da interação passa a ser vista como constitutiva dos usos linguísticos; e, embora uma ampla gama de fatores possa motivar o agenciamento de recursos (e, nisso, a variação estilística), o aspecto ideológico passa a ser o mais fundamental.

Ao admitir esses pressupostos, os ETO parecem se aproximar de “campos ocupados em promover teorização social e [...], por isso, recoloca[m] o estudo da variação estilística dentro de um modelo de práticas e realizações humanas” (BRAGANÇA, 2017,

---

<sup>23</sup> Indivíduo e sociedade então em relação de mútua constitutividade, na terceira fase variacionista, não havendo relação de determinação de um sobre o outro (ECKERT, 2000).

p. 250).

Em termos metodológicos, essa nova perspectiva parece convocar e/ou desenvolver, dentre outros aspectos:

- i) Análises contrastivas, uma vez que o estilo, sendo um fenômeno distintivo, só se constitui em relação a outros estilos, com os quais se está em relação (dialógica).
- ii) Análise da dimensão social e verbal indiciadas nos gêneros, dada a reconexão teórica entre essas duas dimensões; com isso, aspectos da dimensão social da interação e indiciados nos gêneros do discurso passam a ser fundamentais para a análise de fenômenos variáveis.

Frente a esses redirecionamentos, como analisar fenômenos em variação/mudança? Especificamente falando, quais seriam, então, possíveis focos de análise sobre a expressão do FP e fenômenos similares, considerando esse novo ângulo teórico-metodológico?

A seguir apresenta-se uma breve análise, segundo as discussões até aqui sistematizadas. Para tanto, selecionaram-se dois *artigos jornalísticos* que versassem sobre o mundo Pós-COVID-19, com a expectativa de que a expressão do FP fosse recorrente nesses textos. A fim de testar o princípio teórico de que a língua é um fenômeno estilístico distintivo, regida pelo aspecto ideológico, elegeu-se (i) um artigo do *Portal UOL*, de orientação (que designamos) *laica*, intitulado *Um mundo mais feminista*, do caderno especial *O Mundo Pós-COVID-19*<sup>24</sup>; e (ii) um artigo da revista digital *Comunhão*, de conteúdo cristão, de orientação religiosa, intitulado *Haverá dia seguinte*<sup>25</sup>.

Antes de falar especificamente dos textos selecionados, vale recuperar algumas informações sobre o gênero em questão, a partir de Rodrigues (2001).

*Em primeiro lugar, o artigo jornalístico se caracteriza, do ponto de vista da dimensão social, dentre outros aspectos:* (i) por ser mediado, considerando o processo de produção e o de interpretação, pela própria esfera jornalística, que filtra, regulamenta e põe em evidência os fatos, os saberes que farão parte de seu universo temático (do jornal/da revista e do gênero), sendo, a própria esfera, portanto, um índice de produção e de interpretação dos enunciados, embora cada jornal/revista, contudo, possa interpretar os acontecimentos de um determinado modo, no sentido de impor um certo valor a eles; (ii) por ser orientado para a manifestação ideológica do autor – *porque o artigo é assinado* –, a respeito de acontecimentos sociais que são notícia, embora a autoria não se refira a um sujeito empírico/físico, mas a uma *posição de autoria (/persona)* inscrita no gênero;

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/o-mundo-pos-covid-19-2---comportamento-por-debora-diniz/index.htm#tematico-5>. Acesso em: 10 jun. 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://comunhao.com.br/havera-dia-seguinte/>. Acesso em 16 jun. 2020.

nesse caso, o articulista é a figura de um homem público e especializado em um tema atual – justamente por isso é convidado por um jornal ou por uma revista para expor seu ponto de vista; assim, a concepção de autoria do artigo está associada à noção de notoriedade (social e/ou profissional) do sujeito, de modo que, à voz da autoria, de seu ponto de vista, confere-se credibilidade, o que culmina por estabelecer uma relação assimétrica entre autor e leitor do artigo, pois o autor assume a voz social de um sujeito competente para aquilo que fala, configurando-se como uma voz de autoridade.

Considerando esses aspectos da dimensão social do gênero selecionado, já se pode depreender que, embora os dois artigos sob exame estejam ao abrigo do mesmo quadro discursivo (o *jornalístico* e, dentro dele, ambos são *artigos jornalísticos*) e, por isso, partilhem algumas características, como pôr em evidência o mesmo fato social – o mundo pós-COVID-19 –, podem não o estar interpretando do mesmo modo: como uma orientação laica e uma cristã interpretam e discursivizam esse mesmo acontecimento? Como uma possível diferença de orientação para a realidade, do meio de divulgação e do articulista, pode impactar a perspectiva sobre o fato social e, em consequência, o estilo do gênero?

Para contextualizar os artigos sob análise, *considerando a paisagem social em que emergem os artigos sob exame*, resgata-se que, recentemente, em uma *live*, Maingueneau (2020) considerou que a cada tipo de crise corresponde um certo tipo de manifestação discursiva saliente. A crise mundial provocada pela COVID-19 foi percebida e discursivizada, segundo o autor, a partir da importância dada aos discursos dos peritos, dos especialistas, tendo os cientistas ganhado centralidade nos debates sobre a crise. Assim, se outras pandemias foram nomeadas a partir da perspectiva dos sujeitos que sofriam com a doença, sendo referidas como “peste(s)”, em relação à pandemia atual o próprio termo que a designa aciona o ponto de vista da ciência: *COVID-19*, um termo científico, em inglês, abreviado (COrona VIRus Disease - Doença do Coronavírus), sendo “19” uma referência ao ano de 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados.

Para Maingueneau, isso pode se justificar pela seguinte razão: estamos enfrentando uma catástrofe para a qual não temos respostas exatas, o que gera grande angústia e medo. Na tentativa de amenizar ou controlar esses aspectos e possíveis rumos globais calamitosos (na saúde, na economia, na política, na educação etc.), o perito é convocado, uma vez que ele demonstra que tem controle da situação. A mídia, querendo, então, atender ao desejo do público, em geral, chama o perito, em busca de respostas, de exatidão.

Mas a situação, continua Maingueneau, é muito mais complexa, por dois motivos: em primeiro lugar, porque um perito é sempre um perito de um saber em particular, e não

sobre a pandemia ou sobre os rumos globais pós-pandemia; em segundo lugar, porque a pandemia ainda está em fase de descoberta, e os especialistas, cada um em sua área, não têm tempo de ler as centenas de artigos divulgados, embora precisem oferecer, publicamente, “certezas”. Assim, os diversos especialistas requisitados pela mídia vivem o seguinte paradoxo, nas palavras do autor:

[...] se ele está convidado a falar, ele tem um contrato de fala que pressupõe que ele sabe o que fala e que vai levar conforto às pessoas. Mas, na verdade, ele não sabe, porque não tem tempo de saber. A única saída é fazer a gestão da contradição: aceitar o contrato de fala midiático que implica que ele sabe, aceitar a legitimidade do cientista, mas não dizer que sabe aquilo que não sabe, mas dizer que a ciência não sabe, preservando a legitimidade das instituições.

Nesse contexto, emergem os artigos jornalísticos sob exame, ambos escritos por mulheres da ciência, mulheres especialistas em alguma área: o artigo publicado na revista cristã *Comunhão* (*Haverá dia seguinte*) foi produzido por Débora Fonseca e Cunha, formada em Psicologia e Direito e com mais de 20 anos de experiência em aconselhamento cristão na área da sexualidade humana; já o artigo publicado pela UOL (*Um mundo mais feminista?*) foi produzido pela antropóloga Débora Diniz, também com mais de 20 anos de atuação na esfera acadêmica, desenvolvendo projetos de pesquisa sobre bioética, feminismo e direitos humanos.

Embora falem sobre o mesmo tema, no âmbito de uma mesma esfera (a jornalística), o *tom* que assumem, em decorrência da orientação ideológica própria e dos meios de divulgação, é muito diferente. Enquanto, por exemplo, o título do artigo cristão é uma afirmação – *Haverá dia seguinte* –, o título do artigo laico é uma indagação – *Um mundo mais feminista?* – mais condizente, portanto, com a perspectiva da ciência que, na verdade, segundo Maingueneau, não sabe os rumos da vida pós-COVID. Assim, explicitamente ancorada pelo *ethos* da ciência, a antropóloga Diniz parece confirmar a perspectiva do autor francês, ao iniciar o artigo alertando: “A verdade é que não sabemos”, ao passo que a articulista cristã considera que *o dia seguinte* está “assegurado”, que “certamente brilhará”, ancorando-se, para suas convicções, em citações bíblicas.

Sobre as citações, volta-se a falar adiante. Importa agora destacar que, com essa análise, não se trata de hierarquizar as esferas ou apontar uma ou outra articulista como “mais honesta”, em termos de como discursivizam os acontecimentos. Nosso foco de interesse está no fato de que determinadas esferas de atividade cultural e, em consequência, os gêneros no âmbito delas produzidos, podem conduzir os sujeitos, quanto à percepção da realidade, a um tom mais assertivo, no qual o falante se compromete com a realização de



um estado-de-coisas, mesmo sem haver nenhum indício pragmático quanto para a sua efetivação.

Esse parece ser o caso da esfera religiosa (leia-se: judaico-cristã) e/ou dos sujeitos que, embora falando em outras esferas, ancoram-se nela. Na esfera religiosa, a avaliação que os sujeitos fazem do futuro não depende da historicidade dos acontecimentos, mas da narrativa bíblica sobre a história da humanidade. É essa narrativa, aprendida em inúmeras práticas culturais, por grupos cristãos muito heterogêneos, que parece ancorar a perspectiva com que os sujeitos compreendem e representam os diferentes aspectos da vida prosaica, tratando-se, portanto, de uma orientação epistemológica.

Assim, o modo como assimilam a relação espaço-tempo e, no âmbito disso, como interpretam os acontecimentos é peculiar: o tempo da humanidade, como um todo, é compreendido como breve<sup>26</sup>, e o seu fim também está previsto; tudo que ocorre entre o início e o fim da humanidade é tido como conhecido, como já narrado pela Bíblia, o que posiciona os sujeitos que por essa compreensão se orientam em outra perspectiva. A articulista cristã, nesse sentido, assim se pronuncia: “A COVID não é fato isolado, único ou exclusivo. Eclesiastes lembra que não há nada de novo debaixo do sol. O mundo já foi alcançado por outros tipos de noites. [...] Mas em Jesus temos O [*sic*] dia seguinte assegurado”.

Em que pesem esses dois diferentes tons com que os artigos são produzidos – a articulista laica, por um lado, precisa assumir que não sabe sobre como será o mundo pós-COVID-19, porque sua fonte de segurança são as provas produzidas pela ciência; já a articulista cristã, por outro lado, prescindido desse tipo de prova e ancorando-se em outra epistemologia, assume que sabe que o dia seguinte está assegurado –, não parece haver estranhamento entre o público leitor de cada articulista, uma vez que, se, por um lado, leitores de especialidades da ciência não esperam um tom assertivo quanto aos acontecimentos do futuro, mas um tom modalizado, sobretudo quando se fala de algo muito novo e desconhecido para todos os ramos da ciência, como o caso da atual pandemia, por outro lado, parece fazer parte da orientação para a realidade dos religiosos cristãos o tom mais assertivo, justamente o tom acionado pela articulista cristã. Assim, desde que vejamos a questão conforme os olhos de cada campo cultural, não parece haver desatinos em uma perspectiva e outra.

Ademais, além de o artigo jornalístico ser mediado, tanto em relação ao processo

---

<sup>26</sup> Resgatem-se alguns excertos bíblicos citados em Bragança (2017, p. 626) que autorizam essa leitura: (i) Porque a vida é um conto ligeiro (Salmos 90: 09); (ii) Porquanto esta visão se *cumprirá* num tempo determinado no futuro; é uma visão que fala do fim, e não *falhará!* [...] ela certamente *virá* e não se *retardará* (Habacuque 2:3); (iii) Eu vos asseguro: Ele vos *fará* sua justiça, e depressa (Lucas 18:8) (BÍBLIA, 1969).

de produção quanto ao de interpretação, pela esfera jornalística e, mais detidamente, pela orientação ideológica que se assume no âmbito dessa esfera, há que se considerar também que esse gênero é orientado para a manifestação ideológica do autor (*/persona*) de cada texto, conforme se explica a seguir.

No trabalho de discursivizar o mundo pós-COVID, a articulista cristã começa por citar as “faces sombrias” da “noite” exposta pela COVID-19 – considerando (i) o início da pandemia, em Wuhan, em 2019, (ii) o número de infectados e de mortos no Brasil, (iii) o crescimento da violência doméstica e da violência infantil, nos países da América Latina, incluindo o Brasil, (iv) o aumento da pornografia, por vias tecnológicas etc. –, e termina com a certeza de que “Em Jesus, o choro da noite se encerra e a alegria *virá* pela manhã”.

Mas, a despeito de todas essas informações que apontam para o conhecimento enciclopédico da autora sobre a pandemia e que lhe conferem uma imagem de destaque e, portanto, de credibilidade – é alguém que sabe sobre o que fala, que correlaciona muitos aspectos –, talvez, o que assegure sua notoriedade – a ponto de ela ser convidada a falar para os leitores da revista, trazendo-os, conforme Maingueneau, respostas quietantes – seja sua notoriedade religiosa – e não acadêmica –, pois nisso parece estar a legitimidade da articulista para ancorar seu ponto de vista, exposto, de fato, na segunda parte do artigo: “Em tempos de tragédia o mal até pode realçar, mas a Graça *certamente brilhará* mais forte [...]”. Assim, é o valer-se de citações bíblicas – além de suas credenciais expostas (coordenadora de missões, conselheira cristã e autora de livros da área) – que vai construindo a imagem de uma especialista cristã, outorgando-lhe credibilidade e construindo o tom do artigo – um tom autorizado e assertivo.

A articulista laica, por outro lado, representante da perspectiva científica, começa pondo em primeiro plano aquilo que Maingueneau ponderou, ou seja, deixando claro que (ainda) não sabe sobre os possíveis efeitos da pandemia: “A verdade é que não sabemos; estamos como em um estágio intermediário de um rito de passagem – não mais como antes, mas ainda distantes do que *surgirá* depois dessas semanas de estranha suspensão do que conhecíamos como normalidade da vida”.

Mesmo assim, a autora trabalha para defender a hipótese “de que a pandemia pode fazer circular valores feministas silenciados pelo patriarcado” (quais sejam: o cuidado e a interdependência), respaldando-a também com citações, o que significa recorrer a vozes autorizadas para também legitimar a própria voz (e a própria hipótese). Assim, a antropóloga considera que sua hipótese surge do “desamparo da sobrevivência”, citando o filósofo Vladimir Safatle. Em tom bem menos assertivo, contudo, e mais reflexivo, e mesmo admi-

tindo, inicialmente, não saber se o mundo pós-COVID será mais feminista, a antropóloga não deixa de cancelar sua competência para falar sobre o tema, recorrendo a estudiosos de notoriedade social (como, além do filósofo Vladimir Safatle, a importante militante, teórica e uma das principais referências do feminismo negro brasileiro Carla Akotirene, e o ensaísta, estatístico e analista de riscos matemático de formação Nassim Taleb), o que também lhe confere autoridade, uma autoridade não citada explicitamente, mas mostrada (i) pela situação de interação – que vai estabelecendo uma relação assimétrica entre autor e leitor do artigo – e (ii) pelo próprio discurso veiculado no artigo. Mesmo antes da produção desse texto, ainda, há que se recordar que ele se vincula a um Caderno Especial, intitulado *O MUNDO PÓS-COVID-19*, cuja apresentação aponta para os articulistas como “especialistas” que “ajudam a desenhar a cara do futuro que nos espera quando a tempestade passar”. Assim, embora o tom seja diferente, a articulista que assume o *ethos* da ciência – e não o da religião – também atua no sentido apontar para o futuro.

A autoria do artigo jornalístico, assim, parece funcionar como meio para a ancoragem da entonação do gênero: *um tom autorizado*, dado histórico-culturalmente pelo próprio gênero, embora os recursos para constituição desse tom, a depender da *persona estilística*, possam ser diversos e, por vezes, contraditórios (mais assertivos, mais modalizados), dando ao gênero, então, *nuances específicas desse tom*, dadas as diferenças, quanto à orientação ideológica, do lugar em que se efetiva a interação e dos autores de cada texto, que se projetam, enquanto *personas* estilísticas, diferentemente.

Há que se falar, então, em especificidades distintivas dentro da própria esfera jornalística ou em subesferas jornalistas (a religiosa, em relação à laica; a de direita, em relação à de esquerda etc.), que se manifestam em *textos de gêneros* específicos. Por isso um gênero e seu estilo nunca podem ser vistos como sendo sempre os mesmos, já que se trata de uma unidade sensível a muitos aspectos da dimensão social. A análise contrastiva de gêneros, portanto, dentre outras práticas metodológicas, parece permitir visualizar a face evêntica (ou flexível e plástica) dos próprios gêneros, a face, talvez, mais profícua para o estudo de fenômenos em variação/mudança, dado que diferentes *personas* estilísticas tendem a agenciar os recursos linguísticos a partir de diferentes significados sociais.

Como, então, diferenças na *dimensão social* dos artigos em tela se reverberam na configuração estilística dos textos? E como isso se relaciona, especificamente, com a expressão do FP realizada nesses textos?

Aqui, cabe retomar, mais uma vez, Rodrigues (2001), para recuperar, *em segundo lugar*, como o artigo jornalístico se caracteriza, do ponto de vista da dimensão verbal, dentre

*outros aspectos*: (i) por uma dupla orientação: (a) **é uma reação-resposta** do articulista, tendo em vista sua especialidade profissional, a discursos anteriores sobre os acontecimentos sociais atuais e (b) *busca reação-resposta* ativa do interlocutor; e (ii) do ponto de vista estilístico-composicional, por aspectos ligados: (a) ao objeto de discurso (aquilo sobre o que se fala), (b) ao processo de produção da comunicação jornalística (como extensão do texto e normas editoriais) e (c) à orientação para discursos já-ditos e prefigurados.

Centrando nos aspectos estilísticos-composicionais do artigo jornalístico, resgata-se que Rodrigues (2001) considera dois tipos de movimentos (ou estratégias) que podem ser feitos em relação aos discursos já-ditos: movimento (i) de enquadramento (de assimilação e de distanciamento) e (ii) de citação do discurso do outro, para criação da perspectiva do próprio discurso. Já em relação aos discursos prefigurados, a autora destaca: (i) movimentos de engajamento do leitor ao discurso do articulista, quando esse eleva o leitor à posição de aliado; (ii) movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, quando o autor antecipa as possíveis reações-respostas de objeção do leitor e as abafa, silenciando-as; (iii) e movimento de interpelação do leitor, quando o articulista apresenta seu ponto de vista como “o” ponto de vida, como “a” verdade, que o leitor deve se sentir persuadido a aderir.

Considerando o artigo da revista cristã, pode-se depreender que, *em relação aos discursos já-ditos, as estratégias de assimilação e de citação* ocorrem em relação aos discursos bíblicos, o que já é esperado pelo próprio lugar de veiculação do artigo (uma revista cristã), e pelos seguintes recursos coocorrentes:

- 1) Escolha de determinados verbos e nomes:
  - a. Eclesiastes *lembra* [e não “fabula”, por exemplo] que não há nada de novo debaixo do sol.
  - b. Ainda em Eclesiastes há uma *constatação* [e não “uma lenda”] [...].
  - c. Jesus veio para libertar os oprimidos da noite escura que assola suas almas. E Ele *continuará* fazendo isso [...].
- 2) Uso de determinadas palavras e expressões avaliativas:
  - a. [...] a Graça *certamente brilhará* mais forte [...].

Já as *estratégias de distanciamento* correm, nesse artigo, em relação a discursos desesperançosos quanto ao futuro pós-COVID-19, pelo recurso de:

- 1) Operador argumentativo:
  - a. A noite, para muitos, parece se encerrar aqui: ‘sem que ninguém’ [os console]. *Mas* em Jesus temos O dia seguinte assegurado.

Em relação aos *discursos prefigurados*, as estratégias e os recursos utilizados são:

- Movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, por meio de:
  - 1) Verbo e pronome na primeira pessoa do plural:
    - a. Vale *a gente* se perguntar que tipo de legado *deixaremos* para as gerações seguintes, abrangendo nossas famílias.
    - b. [...] mas a graça certamente *brilhará* mais forte na medida em que *nós*, como igreja, *nos engajarmos* na missão deixada pelo Cristo.
  - 2) Perguntas retóricas com questionamentos possíveis do leitor:
    - a. Como *prosseguirão* as vítimas da opressão: sem consolo? Sem justiça? Sem afago? Sem proteção?
    - b. [...] que tipo de legado *deixaremos* para as gerações seguintes [...]. Violências, maus-tratos, relacionamentos abusivos, promiscuidade ou ausência de proteção?
- Movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, por meio de:
  - 1) Silenciamento de possíveis objeções do leitor:
    - a. *Haverá* dia seguinte – em objeção a uma possível compreensão de que não haverá.
    - b. Interminável para alguns, as faces sombrias desta noite não foram geradas pela COVID-19; tão simplesmente foram expostas ou facilitadas por ela – em objeção à noção de que nossas crises derivam da pandemia.
- Movimento de interpelação do leitor, por meio de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural e perguntas retóricas, conforme já indicado nos exemplos anteriores.

Explicitados alguns aspectos da organização estilística do artigo cristão, observa-se, em relação aos usos de FP, um total de 9 ocorrências, destacando-se que, dessas, 8 (88,8%) são formas de futuro sintético e apenas 1 de presente do indicativo, retomada de uma citação bíblia: “O choro pode durar uma noite mas a alegria *vem* pela manhã” (Sal. 30:5). Esse último dado parece reforçar a leitura que estamos fazendo dos discursos religiosos e sua relação com o tempo, uma vez que esse uso rememora o conceito de relevância do presente, segundo o qual, independentemente do tempo cronológico o falante estabelece (psicologicamente) uma conexão entre presente e futuro, segundo a avaliação que faz do que conhece no presente, sendo, por isso, o futuro projeções de estados mentais e emocionais dos sujeitos (FLEISCHMAN, 1982). Independentemente do (desconhecido) futuro, as ponderações bíblicas, que se conhece no presente, são, portanto, a base para se projetar o futuro.

As 8 ocorrências de forma sintética, por outro lado, mais do que ser índice da formalidade (pretensamente) típica de discursos de orientação religiosa, adquirem um valor expressivo condizente com as finalidades discursivas do gênero e do tom dado ao texto (específico) do gênero: o tom autorizado inscrito no artigo jornalístico, somado ao tom

de assertividade do discurso religioso.

Tudo isso parece se converter em (ou se realizar por meio de) estratégias para impor o ponto de vista do articulista como uma verdade irrefutável – porque a Bíblia é irrefutável, no meio cristão, e os discursos que se ancoram nela também o são –, agravando ainda mais a relação assimétrica entre o articulista e o leitor – apesar de o texto se encerrar com estratégias modalizadoras, por meio do uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural: “Em tempos de tragédia o mal até pode realçar, mas a Graça certamente brilhará mais forte na medida em que *nós*, como igreja, *nos engajarmos* na missão deixada pelo Cristo. Deus te abençoe!”. A escolha de determinados verbos, como “assegurar” e “haver”, e de determinadas palavras, como “certamente” e “constatação” funcionam muito bem, nesse cenário.

Do ponto de vista funcional, essas formas podem, então, ser analisadas como mais proeminentemente *modais* (que temporais ou aspectuais) e uma modalidade *do tipo deôntica*, segundo Givón (2001, 2002), ou do tipo *orientada para o falante*, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca, (1994), associadas à noção, dentre outras coisas, de manipulação, associadas à

[...] interação entre interlocutores, tendo em vista que concerne a diretivas de comando, solicitações, recomendações, exortações etc., que fazem com que o locutor imponha tais condições ao interlocutor, esperando dele uma ação frente ao que foi enunciado; essa modalidade, assim, caracteriza-se por fatores pragmáticos, cujo foco está na interação (BRAGANÇA, 2017, p. 635).

A diretiva de comando, de recomendação ou de exortação que se faz ao leitor, por esse artigo, num contexto de crise global, parecer requerer a seguinte ação: *tenha esperança, mantenha-se firme na fé e nas promessas bíblicas, pois “haverá dia seguinte”*.

Quanto ao artigo laico, pode-se depreender que, *em relação aos discursos já-ditos*, as estratégias de assimilação e de citação ocorrem em relação a discursos acadêmicos, pelos seguintes recursos:

- 3) Escolha de determinados verbos e nomes introdutórios para o discurso citado:
  - a. Há sempre o risco de um “cisne negro” atravessar a realidade que só conhecia “cisne branco”, *para seguir a alegoria* de Nassim Taleb sobre a fragilidade das análises sobre o funcionamento do mercado financeiro.
  - b. Foi da interseccionalidade entre os predicados, ou da encruzilhada de nossos corpos, *segundo a alegoria de* Carla Akotirene, que a pandemia desamparou desigualmente os corpos.

Já as *estratégias de distanciamento* ocorrem, nesse artigo, justamente em relação a discursos assertivos, científicos ou não, e por meio, especialmente, do seguinte recurso:

- 1) Uso de palavras e expressões de negação do discurso do outro:
  - a. “A verdade é que *não sabemos*” (se teremos um mundo mais feminista).
  - b. “*Não quero me portar como os homens sabidos* que sobem aos palanques e fazem projeções sobre a política ou o mercado financeiro, como se o acaso pudesse ser controlado”.

Por fim, *em relação aos discursos prefigurados*, as estratégias e os recursos utilizados são:

- Movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor, por meio de:
  - 2) Antecipações de possíveis reações-respostas do leitor, levadas em conta da construção do discurso – nesse caso, para rejeitá-las:
    - a. “*A verdade é que não sabemos*” [em oposição a quem pensa que os especialistas sabem sobre o futuro pós-pandemia]; estamos como em um estágio intermediário de um rito de passagem — não mais como antes, mas ainda distantes do que *surgirá* depois dessas semanas de estranha suspensão do que conhecíamos como normalidade da vida.
- Movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, por meio de:
  - 1) Verbo e pronome na primeira pessoa do plural:
    - a. “*Importa saber o que faremos com essa ferida*”.

Explicitados esses poucos aspectos da organização estilística do artigo, observa-se, em relação aos usos de FP, apenas 2 ocorrências, ambas na forma sintética, mas em diferentes contextos: a primeira aparece no âmbito de um movimento de refutação da possível contrapalavra do leitor quanto ao pressuposto de que a articulista sabe sobre o que ocorrerá depois da pandemia. Deixando claro que não sabe, a articulista parece projetar uma *ruptura* entre presente e futuro, não pela distância entre esses, nem pela falta de conhecimento dos fatos do presente ou pela falta conexão entre esse e o futuro, mas justamente pela falta de possibilidade de se conhecer os rumos do futuro, considerado os efeitos da pandemia.

Assim, a articulista parece projetar uma nítida separação (psicológica) entre (i) o estado de coisas do passado (pré-pandemia), (ii) do presente e (iii) do futuro (pós-pandemia), acionando a forma sintética para expressar esse futuro desconhecido: “estamos em um estágio intermediário de um rito de passagem – não mais como *antes*, mas ainda

*distantes* do que *surgirá depois dessas semanas de estranha suspensão* do que conhecíamos como normalidade da vida”.

E o ponto central para essa ruptura temporal não parece se correlacionar com fatores como *tempo determinado/delimitado* ou *não determinado/delimitado*, ou ainda *projeção de futuridade próxima ou distante*, implicados em variáveis independentes comumente consideradas em estudos sobre a expressão do FP, *mas à contingência dos fatos sociais atuais*, conforme a ótica da ciência. A forma sintética, assim, e não o presente do indicativo ou a construção perifrástica *ir (no presente) + infinitivo*, converte-se no melhor índice de ruptura temporal, nesse excerto.

Em termos funcionais, a modalidade epistêmica, relacionada ao grau de comprometimento do locutor com a veracidade da situação a que se refere, e que, comumente, avalia as situações futuras como certas, segundo Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), parece ser a mais proeminente para expressar o seguinte posicionamento: é certo que não sabemos o que vai ocorrer após a pandemia, mas é igualmente certo que algo “surgirá” depois de tudo isso. Esse é, portanto, um cenário epistemicamente necessário. Certo, portanto, não é o que se delimita para o futuro, como no artigo cristão, mas que algo está por vir, embora a articulista não possa precisar o quê.

Já a segunda ocorrência de FP, nesse texto, ocorre no âmbito do movimento de engajamento do leitor ao discurso do articulista, movimento em que o leitor é elevado à posição de aliado, em detrimento da típica relação assimétrica entre autor e leitor de artigos jornalísticos: “Importa saber o que *faremos* com essa ferida”. Nesse caso, de uma pergunta retórica indireta, a articulista parece persuadir o leitor, mas não para que ele aceite “uma” verdade inquestionável, mas, talvez, para que ele também se lance à reflexão, à busca por respostas quanto a um possível reposicionamento do feminismo na vida comum das pessoas.

Do ponto de vista funcional, esse uso parece ser mais proeminentemente, *modal* (que temporal ou aspectual) e uma modalidade *do tipo deôntica* (GIVÓN; 2001; 2002) ou do tipo *orientada para o falante* (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), embora a diretiva seja aqui muito diferente da diretiva das formas de futuro do artigo cristão – talvez, por isso, a compreensão de que a função não basta para explicar a forma. Se essa leitura puder ser feita, há que se observar que as mesmas formas, exercendo as mesmas funções, podem contribuir para produção de diferentes orientações discursivas, a depender do conjunto de recursos linguísticos e de aspectos sociais que coocorrem com elas.

E, de modo geral, embora ambos os textos agenciem mais frequentemente a for-



ma sintética, os diferentes efeitos de sentido que esses textos produzem e para os quais cooperam essas formas sintéticas podem sinalizar para o pressuposto de que o estudo do estilo não pode desconsiderar a multifuncionalidade dos recursos linguísticos.

Essa breve análise, orientada por um novo ângulo, parece retomar os princípios teóricos de que: (i) o modo como o falante avalia (ideologicamente) as situações futuras em relação ao estado de coisas do presente pode motivar a variação, de maneira que a expressão do FP aponta, não para o mundo representante, mas para o mundo representado por sujeitos histórico e culturalmente situados em práticas sociais específicas; (ii) no âmbito dessas práticas, por meio de um engajamento ativo, os sujeitos se projetam estilística e contextualmente, sendo que cada estilo se caracteriza, dentre outras coisas, por certos usos da linguagem, que se constituem em relação a outros estilos e a outros usos; (iii) os usos da linguagem ou os estilos dependem do quadro discursivo ou do enquadramento de gênero em que ocorrem, porque esse enquadramento é que orienta o trabalho de estilização dos sujeitos, sendo baliza para o dizer social e quadro para compreensão da prática estilística, tendo em vista um conjunto de características coocorrentes; (iv) mas, como os gêneros não fornecem meios de produção e de recepção de discursos de modo acabado, os recursos estilísticos podem ser variavelmente mobilizados, reconfigurados, no âmbito dos gêneros, produzindo diferentes efeitos de sentido; (v) o estilo linguístico, dessa forma, ao mesmo tempo em que é relativamente regular, porque é histórico-cultural, é também um processo criativo, evêntico, sensível a elementos específicos da interação, sendo, pois, lugar privilegiado para manifestação ideológica dos sujeitos e, por isso, para o exame de fenômenos variáveis.

É nesse sentido que argumentamos, neste texto, que a relação forma/função parece se especificar no âmbito do estilo dos gêneros do discurso, estando, essa relação, a serviço da produção de sentido, da projeção de um ponto de vista que se assume discursivamente.

Como a expressão do FP se realiza em diferentes práticas sociais, considerando uma perspectiva que aqui denominamos pragmático-discursiva? Como essa expressão participa, direta ou indiretamente, da construção de sentidos em diferentes práticas? Sob essa ótica, parece haver um amplo campo de trabalho.

A incorporação, portanto, da perspectiva bakhtiniana aos estudos variacionistas, considerando os interesses de sua terceira fase, bem como uma correta compreensão sobre o lugar teórico-metodológico que os gêneros do discurso devem ocupar nesses estudos, podem, assim, ser profícuas para o desenvolvimento do campo, mais propenso à

teorização social, e para o desenvolvimento de novas descobertas sobre a expressão do FP (e fenômenos similares).

#### **4 Considerações finais**

Neste texto, resgatou-se algumas reflexões desenvolvidas por Bragança (2017) e iluminadas pelo incansável trabalho de orientação da professora Eda, sobre implicações teórico-metodológicas que decorrem da centralidade que os gêneros do discurso ganham em alguns trabalhos de *terceira onda variacionista*, fazendo emergir um novo foco de observação para fenômenos em variação/mudança, um foco linguístico-antropológico ou pragmático-discursivo, conforme designamos, neste texto, considerando, nesse último termo (*discursivo*), a força de aspectos ideológicos para produção, distribuição e recepção dos usos efetivos da linguagem.

Na primeira seção, partindo da caracterização da expressão do futuro do presente, um dos fenômenos variáveis mais investigados no PB, verificou-se que os resultados de diversos estudos, mesmo sendo orientados pela primeira fase variacionista, apontam para os gêneros (do discurso/texto) como relevantes para a explicação do fenômeno, embora os autores diverjam quanto ao tratamento que deve ser dado a eles, em termos de lugar teórico-metodológico que deve ocupar nos estudos variacionistas.

Na segunda seção, vimos que é no âmbito de parte da literatura de terceira onda variacionista que encontramos, em decorrência de um redimensionamento quanto à compreensão da própria natureza da linguagem, os gêneros do discurso, segundo a perspectiva bakhtiniana, ocupando papel central no estudo de fenômenos variáveis e trazendo luz sobre resultados de pesquisas, que parecem apenas tangenciar o potencial analítico dos gêneros do discurso (cf. LANGA-LACERDA; GÖRSKI, no prelo).

Na terceira seção, (a) por meio de uma sistematização sobre algumas consequências teórico-metodológicas do diálogo entre a terceira fase variacionista e a perspectiva bakhtiniana de linguagem e (b) por meio de uma breve análise de dois artigos jornalísticos, com diferentes orientações ideológicas para versarem sobre o mundo pós COVID-19, agenciando, assim, diferentemente, a expressão do futuro do presente, ilustrou-se como os gêneros do discurso podem ser vistos como o quadro para a compreensão da prática estilística, como o lugar privilegiado para a compreensão da relação forma/função de fenômenos variáveis, afastando a visão de que a função basta para explicar a forma, e reposicionando essa relação para o âmbito das práticas sociais, domínio no qual os recursos variáveis integram o estilo de vida dos sujeitos.

Admite-se, assim, nessa fase variacionista, que é no âmbito das práticas sociais/dis-

cursivas – conduzidas ideologicamente, constituídas umas em relação às outras, em parte estruturadas e em parte emergentes, sensíveis a todos os aspectos da dimensão social que as instauram e construídas agentivamente pelas posturas que os sujeitos assumem em cada interação – que todos os recursos estilísticos, tais como os recursos linguísticos e, dentre esses, os recursos variáveis, são agenciados, cumprindo a função de indicar os aspectos que lhes motivam.

A explicação da relação forma/função, central para a compreensão da variação e da mudança linguística, não pode, portanto, segundo essa ótica, prescindir de uma explicação sobre a qualidade da interação social, mas deve se engajar, cada vez mais, em um *quadro teórico discursivo*, em um quadro teórico histórico-cultural. Essa parece ser a via pela qual a terceira onda variacionista encontra os escritos bakhtinianos. Com essa ótica, muito ainda falta investigar sobre a expressão do futuro do presente e fenômenos similares, no PB.

## Referências

- SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. 1997. Dissertação 128f. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, UnB, Brasília, 1997.
- BALEEIRO, M. I. de A. *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. 1988. 196f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1988.
- BAUMAN, R. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 57-77.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.
- BÍBLIA. Português. In: *A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BRAGANÇA, M. L. L. *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. 2008, 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, UFES, Vitória, 2008.
- BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. 2017. 696 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (Ed.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p46-63>.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 185-210.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Societ*. 2005. Disponível em: <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2019.

ECKERT, P. Variation and the indexical Field. *Journal of Sociolinguistics* 12/4, p. 453-476. Oxford: Blackwell, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. *Third Wave Variationism*. Oxford Handbooks Online, 2016. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27>. Acesso em: 12 abr. 2017.

ECKERT, P. *Meaning and Linguistic Variation: The Third Wave in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em [https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning\\_and\\_linguistic\\_variation.pdf](https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf) Acesso em: 10 março 2020.

ERVIN-TRIPP, S. Variety, style-shifting, and ideology. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 44-56.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FLEISCHMAN, S. *Tense and narrativity*. Austin: University of Texas Press, 1990.

FONSECA, A. M. H. *A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização*. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

GIBBON, A. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000, 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2000.

GIBBON, A. *Trajatória de gramaticalização da perífrase IR (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis 2014.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. v.I, Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2005.

GÖRSKI, E. M.; GIBBON, A.; VALLE, C. R. M.; MAGO, D. D.; TAVARES, M. A. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2003. p.106-122.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEBGALVÃO, V.; REZENDE, T. F (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 35-63.

HEINE, Bernd. *On the role of context in grammaticalization*. In: Wischer and Diewald, Ed., 2002, p. 83-101.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: J. Benjamins, 1991. v. 1 e 2, p.07-35.

HOPPER, P. The paradigm at the End of the Universe. In: GIACALONE-RAMAT, A.; HOPPER, P. (Orgs). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1998. p. 147-158.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

IRVINE, J. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*.

Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 21-43.

SANTOS, J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Linguística), UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, v. 44, abr. 1978.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982. p.81-84.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Cambridge: B. Blackwell, 2001a.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b, p. 85-108.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

LANGA-LACERDA, M. GÖRSKI, E. M. *Potencial analítico dos gêneros do discurso para os estudos variacionistas*. No prelo.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2008.

MAINGUENEAU, D. *A Análise do Discurso e a crise do Coronavírus*. Canal da Abralin no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXzRI0UdvKk>. Acesso em 15 junho de 2020.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-123.

NUNES, R. *Evolução cíclica do Futuro do Presente do latim ao português*. 2003. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro na língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

- POPLACK, S. Grammaticalization and Linguistic Variation. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: OUP, 2011. p. 209-224.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.
- RICKFORD, J. R. Style and stylizing from the perspective of a nonautonomous sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 220-231.
- RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUCSP, São Paulo, 2001.
- SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 327 – 349.
- SILVA, A. *A expressão da futuridade na língua falada*. 1997. Tese. 275f. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1997.
- SILVA, R. C. P. da. *A representação do tempo futuro em textos escritos: análise em tempo real e em tempo real de curta duração*. 2010. Tese. 262f. (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.
- STROGENSKI, M. J. F. *O uso da expressão do futuro em textos literários: uma análise em tempo real de curta duração*. 2010. 143f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese. 302f. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2003.
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. *Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista*. In: XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL, Rio de Janeiro, 2012. (Texto apresentado em comunicação).
- TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e Sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.
- TAGLIAMONTE, Sali. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.
- TESCH, L. M. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. Tese. 190f. (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- TRAUOGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Ed.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge

University Press, 2001, p. 127-136.

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010, p. 29 - 70. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2012.

TRAUGOTT, E. C. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, Lieselotte; GHESQUIÈRE, L.; VELDE, F. V. de (Ed.). *Intersections of intersubjectivity, special issue of English Text Construction*. n. 5:1, p 7-28, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Otheroe Ana Carolina Spinelli. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/9c040d169d41fdcd4d0d0c12f4fdbd02.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. Tese. 415f. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2014.

VIEIRA, M. H. C. *Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa*. 2014. 170f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, UFCE, Ceará, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZHANG, Q. Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new Professional identity. *Language in Society*, Cambridge University Press, v.34, p. 431–466, 2005.

ZHANG, Q. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. *J. Socioling*, Hoboken, v.12, p.201–222, 2008.

Data de submissão: 07/07/2020

Data de aceite: 22/09/2020

